

## MANOEL EM BUSCA DO ELDORADO BRASILEIRO

Mônica Assunção Mourão<sup>1</sup>

Nascido em Dom Pedro, município do estado do Maranhão, em janeiro de 1940, Manoel cedo se casou e formou, com Maria, uma família composta por cinco filhos. Após alguns anos migraram para a cidade de Imperatriz, em meados da década de 1970, onde trabalhou como estivador, servente de pedreiro e agricultor. O ganho não era o bastante para suprir o sustento dos seus e, em razão disso, e de uma notícia que se espalhou ele foi, ainda, mais um dos milhares de cidadãos brasileiros a se enveredar pelas brenhas do interior do Pará, no atual município de Curionópolis, mais precisamente em uma localidade conhecida por toda uma geração, da década de 1980, como Serra Pelada, lugar onde, segundo depoimentos: “qualquer um podia até catar pepitas de ouro no chão” de tão abundantes que eram.

Primeiro se aventurou sozinho, pois não era permitida a entrada e permanência das esposas e prole dentro da área controlada pelo exército brasileiro. Fichou-se como garimpeiro, começou a trabalhar em um barranco e a dividir um barraco com outros homens vindos das mais diversas regiões do nosso país. O trabalho era duro e insalubre. O ganho quase nenhum por conta dos gastos com alimentação, aluguel, vestimentas e o envio de algum dinheiro para a família. Além disso, o número de acidentes e mortes, algumas por soterramento, era algo que aumentava à proporção que a quantidade de trabalhadores ali se fixavam.

E eram muitos, homens-formigas a carregar sacos de terra nas costas, dia e noite, descendo e subindo escadas de ripas de madeira fincadas, em forma de andaimes, nas encostas de uma imensa cratera e suas íngremes ladeiras. Assim, Manoel exercia seu labor sem equipamentos de proteção individual, sem direitos trabalhistas, mas com a esperança cega de “bamburrar” e se tornar o mais novo milionário advindo do Eldorado tupiniquim e, talvez, fretar até um avião para carregar apenas seu relógio recebido de herança do seu pai, haja vista que circulava por lá a lenda urbana de uma viagem aérea feita por um chapéu em tempos não tão distantes.

---

<sup>1</sup> Doutoranda no PPGL/UFNT. Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão e mestrado em Linguística Aplicada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. É Professora Assistente na UEMASUL e pesquisadora do grupo GELITI. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0318-9753>

A labuta era iniciada com um quebra-jejum a conter uma xícara de café preto docinho e um prato de cuscuz garimpeiro (feito apenas com milho, água e sal), ao romper da aurora e tendo como companhia os cantos de diferentes pássaros nativos. Como no poema “Tecendo a manhã”, de João Cabral de Melo Neto, os assobios se buscavam, se completavam e ecoavam enquanto nosso sonhador se preparava para mais uma jornada em busca daquilo capaz de mudar o rumo de sua existência. Em seguida, era banho, vestes e organização da boroca com as ferramentas necessárias para passar o tempo a escavar, peneirar e ensacar todas as sobras sem valor algum.

A parte, porém, mais perigosa do processo era o transporte dos sacos de terras. De vez em quando as escadas se soltavam e corpos bailavam céu abaixo envoltos por uma fina poeira vermelha. Em determinado momento do dia não se viam mais feições humanas. Homens de barro com apenas o retinto dos olhos de fora escalavam, sem cessar, aqueles degraus em busca de uma redenção dourada. A febre do ouro os movia. Não havia espaço nem para o medo nem tão pouco para a desesperança. Seguiam. Persistiam!

Juntamente com o pôr-do-sol os garimpeiros brotavam de maneira ordenada dos barrancos. Era chegada a hora de alimentar os prazeres da carne. Um pouco de cachaça e um cafuné desprezioso não podiam estar ausentes nem na vida do mais miserável dos homens. Assim, o percurso de volta aos barrancos e, em seguida, aos estabelecimentos responsáveis pelo entretenimento da Serra Pelada começava por volta das 20h. Bigode aparado e uma boa mão do perfume Charisma davam o trato no visual para curtir a noite, por vezes, agradável, dada a brisa agora a roçar os rostos antes abafados pela camada grossa de argila empredada na pele pelos raios de sol.

A música e as bebidas embalavam os sonhos dos mais variados tamanhos. Lembranças e saudade podiam ser percebidas em quase todas as narrativas compartilhadas. Aqueles momentos de simplório lazer/prazer eram a licença poética de um grupo de seres unidos com o único propósito que se dividia em outros: o de enriquecer, de se tornar poderoso e ter nas mãos as tais pepitas de ouro de quilos e quilos. Em Manoel esses objetivos eram mais modestos e menos afobados e, por isso mesmo, juntava cada grama encontrada com o intuito de se tornar sócio em um barranco. E aconteceu. De posse de alguns gramas de ouro conseguiu, enfim, uma pequena porcentagem em uma das ribanceiras mais concorridas.

Guimarães Rosa nos ensinou que o que a vida exige de nós é coragem. E coragem era uma das características mais acentuadas do caráter de Manoel. Um sertanejo analfabeto de pai e mãe, um nordestino do interior de um dos estados mais pobres da federação, um Silva, mais

um Silva em meio a tantos Joãos e Josés. Mas, todas essas rotulações inferiores ficariam para trás a partir da hora que ele teve em mãos um título de posse equivalente a 5% de um barranco, de uma jazida em potencial de ouro. Já não seria submisso nem tão pouco humilhado por quem quer que fosse. Podia sentir os ventos da prosperidade logo ali, quase a dobrar as esquinas dos seus pensamentos antes de cair nos braços de Morfeu. Trabalhou duro. Criou uma linguagem própria para organizar sua acanhada vida financeira. Era tudo contado, recontado, anotado e revisto, cotidianamente. Os gramas de ouro não se fizeram de rogados. No entanto, as ansiadas pepitas teimavam em não brotar daquela terra encharcada pelo suor de tantos.

Passaram-se dias, meses, anos. Não voltou para casa. Não enricou. Nem tampouco se deu por derrotado. Dizia de si pra si: - Uma hora a coisa vem! E fã que era do Waldick Soreano não largava mão do seu rádio de pilhas a tocar muitas vezes ao dia as canções do seu ícone da música brega de então. “A dama de vermelho”, “Perfume de Gardênia” e “Eu não sou cachorro não” agiam como alentos nos momentos de desespero ou até mesmo de vontade de debandar dali e retornar para sua rotina ao lado do seu seio familiar. Não passavam de devaneios. Aumentava o som ao lado da cabeceira de sua cama de campanha e assim adormecia. E, não em sonho, no transcorrer do tempo, vivenciou algo completamente inesperado. Haveria um show, na Serra Pelada, uma única apresentação de Waldick Soreano. Manoel não podia acreditar. Em sua adolescência apenas ouvia falar dessas apresentações ao vivo. Nunca esteve em nenhuma, sobretudo por falta de condições financeiras e porque o pai entendia que era um ambiente dado à malandragem.

Ao pedir informações sobre os valores dos ingressos recebeu um convite, por parte dos organizadores do evento, para trabalhar como um dos seguranças do cantor. De pronto aceitou e, para seu espanto, fora avisado da não precisão de adquirir seu ticket de entrada no show. Saiu do local se sentindo um menino que acabou de receber do destino um dos mais preciosos presentes: o puro e simples ato de se deleitar. Não Manoel, não foi um golpe de sorte. O referido convite ocorreu porque ele detinha um porte físico avantajado em relação a maioria dos garimpeiros por ser alto e encorpado. Peso corporal bem distribuído em seu 1.88 de altura. Pele jambo um tanto castigada pelo sol e uma cabelereira cheia, ondulada e tão negra quanto as asas da graúna e os cabelos de Iracema, de José de Alencar. Além do mais era disposto para a vida.

Chegou a noite. O terraço do bar apinhado de gente. O palco bastante iluminado com piscas-piscas natalinos e a passagem do som começou bem antes do horário previsto para o

show. Manoel foi pontual. Recebera uma camisa preta de mangas compridas com o nome SEGURANÇA em letras brancas e garrafas, estendidas de um lado ao outro do peito. Ah! O seu peito estava mais acelerado do que bateria de escola de samba às vésperas do desfile oficial. Waldick Soreano se encontrava no camarim meio improvisado a tomar doses fartas do melhor uísque que conseguiram arranjar. Enquanto isso, maior era o volume de fãs ávidos pela canções bregas eternizadas na voz de Soreano. Era um festival de pulseiras, anéis e correntes de ouro. Isso sem se mencionar alguns sorrisos dourados também. Um misto de ostentação e grotesco.

“Eu não sou cachorro não, pra viver tão humilhado...” e um urro coletivo atravessou a Serra Pelada. O corpo inteiro de Manoel estremeceu ao além de ver, ouvir algo até então apenas imaginado a partir das ondas do seu radinho de pilha. Apesar da obrigatoriedade de permanecer de costas para o palco ele dava, de vez em vez, uma discreta espiada. Bastava-lhe, pois. Uma música após a outra. Uma interação constante com a plateia, atendimento de pedidos vindo da multidão. Muitos choros, risos e abraços calorosos até mesmo em quem não se conhecia tanto assim. A emoção invadiu um espaço forjada na ganância e na disputa. Na esperteza e na lei do mais forte. Naquele parêntese temporal todos eram iguais, sentiam com a mesma intensidade o poder transformador de uma das manifestações artísticas mais antigas da humanidade: a música.

No entanto, “todo carnaval tem seu fim” e com o show em questão não foi dessemelhante. Os ânimos se aquietaram, o palco esvaziou, o cantor se despediu e Manoel devolveu seu uniforme ao passo que recebeu seu pró-labore pela excelente mão-de-obra ofertada. Ao se dirigir para o seu barraco alguns pingos de chuva lhe serviram de companhia. Pingos esses que logo se transformaram em gotas maiores, em nuvens mais espessas e com raios a cortar um céu com poucas estrelas. Choveu a madrugada inteira. Com força e avidez. Dos telhados de zinco e/ou amianto às ruelas de chão batido tudo se encharcou. O vento brincava pela mata enquanto os animais buscavam esconderijos. A água desceu do firmamento sem dó. E a vida de Manoel, embora ainda não supunha, jamais seria a mesma.

Era mais uma manhã de novembro. Será? Havia algo de anormal a rondar o barraco. Um murmurinho mais estridente. Passos mais apressados do que de costume. Ainda era cedo, muito cedo e as ruas já se encontravam cheias de homens e pepitas. Exatamente! Pepitas de ouro dos mais variados formatos e tamanhos foram paridas pela mãe-terra com a ajuda das águas torrenciais da noite anterior. Manoel ficou em estado de inércia por alguns segundos. Ao voltar para seu corpo correu em direção à cancela e, como um animal, tateando com as

suas agora quatro patas começou a colher as pepitas que via em sua frente. Estava portando apenas um shorts de bolsos rasos, camisa de botão e chinelas. Esqueceu de apanhar a boroça ou qualquer outro objeto que o auxiliasse na catação do seu sonho. Encheu os bolsos, as mãos e a boca. Conseguiu atravessar a multidão que se formara em frente ao seu casebre e por lá permaneceu, em silêncio, por alguns dias.

Então tomou a decisão de voltar para os seus. Não bamburrado, contudo com uma quantia satisfatória para comprar uma casa própria e talvez um carrinho para passear com a família aos finais de semana. Dessa afortunada cena para trás se passaram dois anos e meio. Todo esse interim Manoel não teve contato algum com sua Maria nem tão pouco com seus cinco filhos, sendo dois homens e três mulheres já maiores de idade e, por consequência, responsáveis por suas existências. Comprou a passagem de avião para ele e o relógio herdado do pai que carregava no braço esquerdo, devidamente, polido e a refletir cada rajada de sol. Depois de algumas horas desembarcou no aeroporto de Imperatriz. Não avisou do seu retorno. Surpreender era uma das suas singelas atitudes. Ao chegar em casa bateu palmas. Maria surge com um dos seus vestidos “de casa” e um pano de prato em uma das mãos. O espanto habita em seus olhares entrecortados enquanto a outra mão se estende para ajudar com a bagagem. Não carece palavra alguma. Apenas a sensação de estar de volta. Ele e ela, enfim.

*Recebido em 10 de maio de 2021.*

*Aceito em 28 de setembro de 2021.*